

FÁBRICAS DE IDEIAS

“Meu combustível é inovação”

Inventores autônomos são responsáveis por 42% dos depósitos de patentes e por 60% dos pedidos de registro de modelos de utilidade. Eles investem do próprio bolso para inovar e cobram mais apoio

» TALITA DE SOUZA*
» VITÓRIA SILVA*

Santos Dumont fez história ao decolar com o 14-Bis criado por ele pelo céu de Paris em 1906. Ele é, com certeza, um dos inventores brasileiros mais lembrados ao se falar de inovação. Desde então, 115 anos se passaram e o Brasil continua a ser celeiro de grandes invenções. Há aqueles, inclusive jovens, que decidiram solucionar problemas de um grupo de pessoas, no país e no mundo.

Para o inventor Paulo Gannam, “quanto maior o número de patentes geradas por um país, maiores são as chances de serem gerados novos produtos e, consequentemente, novos empregos, mais renda e mais impostos que mantêm e fazem evoluir toda uma sociedade”.

Para além de movimentar a economia, o que move um inventor é a busca por melhorar a realidade. “A tecnologia e a inovação facilitam a vida das pessoas, tornam obsoletas as limitações de gerações anteriores e reinventam a forma com que vivemos e como definimos nossos objetivos”, diz Paulo.

No último levantamento do Instituto Nacional de Propriedade Industrial (IN-PI), de janeiro a outubro de 2020, os inventores independentes foram responsáveis por 42% dos depósitos de patentes de invenção e por 60% dos pedidos de patentes de modelos de utilidade.

Por isso, Paulo cobra mais apoio para os inventores autônomos. “Na hora de se avaliar os contratos de tecnologia firmados, quem se destaca são as empresas de médio e grande portes, que fecham a maior parte dos negócios”, lamenta.

*Estagiárias sob a supervisão da subeditora Ana Paula Lisboa



Fotos: Arquivo Pessoal



Professores da UnB, Suélia e Mário compartilham mais que os laços matrimoniais o sobrenome Fleury Rosa: com time de 91 pessoas, o casal criou máscara que inativa o novo coronavírus

Pesquisadores da UnB criam máscara contra covid-19

O Ministério da Saúde registrava os primeiros 621 casos da covid-19 no Brasil quando Suélia de Siqueira Fleury Rosa, doutora em engenharia eletrônica, biomédica e professora da Universidade de Brasília (UnB), criou um grupo no WhatsApp para formar uma equipe disposta a criar uma máscara facial que combatesse a covid-19. Tudo começou em 19 de março de 2020.

Pouco mais de um ano depois, a pesquisadora e o grupo de mais de 91 participantes criaram a Vesta, máscara protetora capaz de inativar a covid-19. Assim como a N95, a Vesta pode ser usada por 15 dias, mas sem ser molhada ou lavada. A invenção está na penúltima fase do projeto, em estudo clínico com 32 profissionais da saúde do Hospital Regional da Asa Norte (Hran). A meta é testar com 60 participantes.

“O teste de cada profissional é de duas semanas ou oito plantões”, explica Suélia. A equipe da UnB encontrou os trabalhadores da saúde usando máscaras por muito tempo, então doará exemplares para eles ao fim do ensaio. Depois de todos os testes, o projeto entrará na etapa de certificação e regularização do produto. Suélia afirma que já está com a documentação de pedido de registro de patente preenchida e que a UnB entrará com a solicitação por meio do Nupitec (Núcleo de Propriedade Intelectual).

Nasce uma ideia

“No fim de fevereiro do ano passado, antes de a OMS (Organização Mundial da Saúde) mu-

dar o status da disseminação da doença de epidemia para pandemia, uma grande parceira da minha caminhada como pesquisadora me ligou, a Fátima Mrué”, lembra. “Ela era secretária de Saúde de Goiânia na época e me disse: Suélia, está vindo uma pandemia e faltará EPI (Equipamento de Proteção Individual) no Brasil e você precisa pensar em alguma solução”, conta.

Dias depois, Suélia deu os primeiros passos: criou o grupo com pesquisadores, professores, fornecedores e várias pessoas que conhecia que pudessem ajudar. “Fui recrutando pessoas para ajudar a tornar a ideia real. Ciência não é feita por uma pessoa só, é feita junto”, diz. O marido de Suélia, o pesquisador Mário Fleury Rosa, ajudou a estruturar caminhos para que o resultado da pesquisa fosse aplicável à sociedade.

Com tantas cabeças pensando juntas, o grupo encontrou uma estratégia para inativar o vírus no contato com o tecido usando uma propriedade eletrostática da quitosana, polissacarídeo encontrado no exoesqueleto de crustáceos. “O tecido com as nanopartículas resultado do projeto é inserido entre outras duas camadas da máscara. Ele ficará ali, irá atrair e inativar o coronavírus, que desaparece, semelhante ao processo de quando lavamos nossas mãos”, exemplifica.

Além de bloquear a doença, a máscara apoia a agricultura familiar. “Os fornecedores são coletadores de cascas de camarão da Paraíba. Inclusive, um dos requisitos para empresas particulares que quiserem produzir nossa máscara é manter o vínculo com os coletadores”, pontua Suélia.